

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO Mestrado e Doutorado em Educação

AÇÕES PEDAGÓGICAS SEM FIM E TEMPO DE QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Veranice Rodrigues de Santana de Melo
Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade
de Santa Cruz do Sul, através PCI UNISC/INTEGRA
Felipe Gustsack
Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Eixo I – Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

Abordamos, com este texto, algumas concepções de ‘tempo de qualidade’, suas possibilidades e organização no trabalho de mulheres profissionais de Educação Básica porque para uma grande maioria dessas colegas esse tempo de trabalho ultrapassa os limites de uma dedicação apenas profissional com estudantes e atividades relativas à docência em sala de aula e mesmo à instituição educativa (FERREIRA, 2019). Prova disso é que tal intensificação das atividades docentes vem sendo caracterizada por estudos de áreas distintas – Saúde, Educação e Serviço Social, por exemplo – como sobrecarga de trabalho (QUEIROZ; EMILIANO, 2020; LIMA, 2016; GOUVÊA, 2016; FORATTINI; LUCENA, 2015) o que vem gerando o adoecimento de muitas colegas professoras (VIEGAS, 2022). Sendo assim, nesse estudo de natureza metodológica bibliográfica e experiencial, interessa problematizar: em que medida as professoras vêm tendo direito a um ‘tempo de qualidade’ no exercício da profissão e sua relação com o tempo da vida, que lhe permita a experiência como mobilizadora de seu bem-estar pessoal e satisfação profissional?

Ao falarmos em ‘tempo de qualidade’ o pensamos em relação direta com o que Limongi-França (2008, p. 167) define como Qualidade de Vida no Trabalho: “conjunto de ações no sentido de implantar melhorias e inovações gerenciais, tecnológicas e estruturais no ambiente de trabalho, alinhada e construída na cultura organizacional, com prioridade absoluta para o bem-estar das pessoas na organização”. Ou seja, nos

remetemos ao conceito também conhecido na Psicologia como aquele tempo em que dedicamos exclusivamente nossa atenção a alguém, podendo ser, inclusive, a nós mesmos; e que ultrapassa, portanto, outras concepções como ‘tempo livre’, ‘tempo do lazer’, ou do ‘ócio’, normalmente pensadas em oposição ao ‘tempo produtivo’, ‘tempo do trabalho’. Em outras palavras, ao nos propormos a refletir a respeito de alguns aspectos que sobrecarregam as docentes, tornando exaustiva a sua jornada diária, os pensamos na relação entre ‘tempo de qualidade’ e ‘experiência’, a qual compreendemos a partir de Larrosa (2002, p. 24), como aquilo que nos acontece, que vivemos e que:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

E esse ir devagar, sem pressa, nos leva ao que defendemos como um tempo de qualidade. Um tempo que não implica e não é perder tempo e sim, ganhá-lo; transformar o nosso ser-estar-aí em momentos únicos e enriquecedores de nossos saberes na e pela experiência. Nesta rotina do dia a dia, correria desenfreada, não conseguimos saborear um almoço, uma sobremesa, um momento com os filhos, uma ideia incrível que surgiu em sala de aula. Assim, nos acostumamos a ver sem olhar, pois um olhar mais lento requer atenção e envolve sentimentos. Ou seja, ao nos submetemos a essa rotina acelerada do tempo produtivo, já não temos mais possibilidades de cuidar, aspecto indissociável da docência.

Procuramos, para tanto, demonstrar a dinâmica entre o que as professoras fazem e porque estão sobrecarregadas, refletindo acerca da excessiva carga de trabalho destas profissionais, que tem resultado em seu adoecimento. A atividade de trabalho está associada a um determinado esforço e, conseqüentemente, a um desgaste maior ou menor daquela que trabalha. Todo trabalho exige pausa formal ou informal em atividade repetitiva para que se evite a fadiga física, cognitiva ou psíquica por sobrecarga. Podemos entender o trabalho docente como o conjunto de ações pedagógicas exercidas pelas professoras para atender às demandas de ensino-aprendizagem nas instituições educativas. Ou seja, uma ação que vai além da regência de classe, compreendendo a atenção e o cuidado, o planejamento e a sua adequação às diversas situações que o desenvolvimento dessas atividades inerentes à educação implica.

Procurando ser no tempo sem fim

Segundo Viegas (2022) há pelo menos dois fatores centrais que contribuem para essa sobrecarga de responsabilidades decorrentes da docência. Um deles tem a ver com o tempo próprio da jornada de trabalho que é insuficiente para realizar todas as tarefas requeridas pelo sistema, sendo necessário que estas profissionais estendam esse tempo para a esfera pessoal, doméstica que assim se sobrepõe ao seu merecido e necessário ‘tempo de qualidade’ de vida. O outro, complementar ao anterior, tem a ver exatamente com a submissão dessas profissionais às imposições produtivas do sistema de ensino regulado e amarrado às questões legais, políticas e curriculares. Assim, a quantidade de tarefas que as docentes da Educação Básica precisam dar conta vai além de suas capacidades físicas e intelectuais, rompendo com as possibilidades de um tempo de qualidade que necessitam para evitar o adoecimento físico e psíquico.

Nesse sentido, estudos mostram que a atividade docente é um trabalho sem limites, que invade toda a vida (FERREIRA 2019; VIEGAS, 2022), especialmente de mulheres professoras. Entre aqueles aspectos que sobrecarregam o tempo profissional das docentes há os que se configuram como próprios do ofício, e que podemos chamar de atividades imediatas (TARDIF e LESSARD, 2008) como estudar, planejar, dar aula, corrigir tarefas, escrever bilhetes, responder agendas, participar dos fóruns de gestão/administração escolar etc. Mas, além desses, as docentes também se ocupam com um conjunto de ações que decorrem dos acontecimentos, às vezes imprevisíveis, da docência e que necessitam reações instantâneas da professora, envolvendo fortemente o campo das emoções, uma vez que a docência se efetiva nesse tempo específico, e ainda pouco debatido, da alteridade nas interações humanas.

Nos referimos aqui ao fato de que cotidianamente a professora está com várias demandas dentro e fora da escola. Esses aspectos tem a ver com cuidar de estudante que se machucou no recreio, dar uma atenção à confusão no campo de futebol, tratar da dor pelo dente que caiu, sanar dúvidas quanto à disciplina, ajudar estudante a finalizar sua tarefa etc. Assim, aquele período de tempo que ela teria para o descanso do corpo e da voz, para beber uma água, ir ao banheiro, é tomado por esses acontecimentos invisíveis para quem não vive o cotidiano e outras tantas rotinas no tempo das relações escolares.

Assim, é esse tempo, e não apenas o tempo livre da professora, que defendemos e queremos cada vez mais visto e respeitado como aquele ‘tempo de qualidade’ necessário

ao bem da docência na e para a escola e a educação. E, o fazemos porque acreditamos que as ações pedagógicas podem ser mais afetivas e, portanto, mais efetivas quando realizadas no seu tempo adequado. Reivindicamos observar e debater a qualidade desse tempo escolar para que se possa dar atenção também ao tempo do ser-estar-viver da professora. Também por isso reivindicamos um olhar atento às emoções não apenas das docentes porque também aquelas dos estudantes precisam ser geridas para garantir um bom encontro, uma boa interação e conseqüentemente o ensino e a aprendizagem desejados. Então, o que defendemos é a possibilidade de que a maioria de todos os aspectos, do ofício e do ser docente, que caracterizam as ações pedagógicas na Educação Básica possam ser vivenciados com a intensidade emocional que merecem.

Ao defendermos um tempo de qualidade desde o acordar até o dormir de uma professora, lembramos de Humberto Maturana (2002, p. 15) quando afirma que as “emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos”. Agregando essa concepção às reflexões que propomos em torno da ideia de um tempo de qualidade nas ações pedagógicas e na vida pessoal de professoras da Educação Básica, podemos colocar em relação direta a questão de sua saúde – no sentido de estar bem consigo mesma em relação à vida e à profissão –, da qualidade da docência que proporcionam e vivenciam com estudantes no contexto escolar e as possibilidades da experiência criadora de si como invenção dos seus modos de ler, de interpretar e de apresentar o mundo.

Considerações sem fim?

Porque são as professoras que ampliam o universo compreensivo daqueles que vem participar das interações próprias do ensinar e do aprender, provocando e convidando a pensar nas mais diversas dimensões de linguagem, de tecnologias e de saberes interculturais, interessa debater as qualidades desse tempo. Importa observar que a escola é muito mais a professora e as interações que consegue realizar com seus pares e estudantes do que um prédio com paredes, tecnologias e muros. As professoras com suas ações pedagógicas cumprem a função de constituir a escola ao alcançar compreensões da comunidade e do mundo a quem dela participa exatamente porque transpõem uma ideia objetiva, concreta e cronológica de tempo e de espaço. São as professoras que enlaçam, ultrapassando os limites físicos da escola e aqueles de sua profissão, o universo com a

escola e com o mundo que vai sendo inventado por cada estudante.

Assim, se a professora adocece, adoecem as relações e toda a escola entra em um processo de fragmentação doentia no qual emoções e razões, imaginação e vida, cultura e invenção se separam desse devir humano no mundo. Por esses motivos, pensamos que propor e defender um tempo de qualidade na educação envolve nos questionarmos a respeito da qualidade de vida das professoras como principais agentes dessa ação e não apenas o tempo necessário ao seu descanso, à formação continuada e ao diálogo permanente com seus pares fundando relações democráticas no ambiente de trabalho. Isto, a nosso ver, é uma obrigação de todo e qualquer sistema de ensino. O tempo de qualidade que procuramos conceituar aqui tem a ver com aquele que deseja, assim como as professoras no cotidiano das suas docências, enlaçar outros mundos.

Afinal, como dissemos, a educação acontece por meio das relações que se estabelecem nas ações pedagógicas e que as ultrapassam em direção à vida de cada estudante e colega que compõem a escola. As ações das professoras vão além de mostrar conhecimento aos discentes, envolvendo experiências, contínuas e demoradas, de convite e provocação à criatividade e ao pensamento criterioso. E as relações, essas requerem tempo porque são e constituem vínculos, cooperação e interdependência. Um tempo de qualidade é necessário a essas profissionais, sobretudo porque seu labor envolve o cuidado com a sua vida e com a vida de diferentes pessoas e poderá agregar qualidade de vida e melhor aproveitamento nas horas de trabalho intenso.

Palavras-chave: Ações pedagógicas. Tempo de qualidade. Docência. Educação.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20–28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FERREIRA, Leda Leal. Lições de professores sobre suas alegrias e dores no trabalho. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35, supl. 1, p. 1-11, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00049018>. Acesso em: 18 ago. 2023.

FORATTINI, C. D; LUCENA, C. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. *Laplage em Revista*, Sorocaba, n. 2, v. 1, p. 32-47, maio/ago. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24115/S2446-622020151219p.32-47>. Acesso em: 17 ago. 2023.

GOUVÊA, LAVN de. As condições de trabalho e o adoecimento de professores na

agenda de uma entidade sindical. *Revista Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 111. pág. 206-219, out./dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201611116>. Acesso em: 15 ago. 2023.

LIMA, R. de L. Docência e Serviço Social: condições de trabalho e saúde. *Temporalis*, Brasília, v. 16, n. 31, p. 261-279, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/12200/10108>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Psicologia do Trabalho: psicossomática, valores e práticas organizacionais*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

QUEIRÓZ, M. de FF; EMILIANO, LL. Ser docente no Século XXI: o trabalho em uma universidade pública brasileira. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 23, n. 3. p. 687-699, set./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p687>.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIEGAS, Moacir Fernando. Trabalhando todo o tempo: sobrecarga e intensificação no trabalho de professoras da educação básica. *Educação e Pesquisa*, v. 48, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248244193>.